

OLM School

Júlia Guedes 9A

Professor: Francesco Jordani

Matéria: Literatura

Data: 10/09/19

## **UM MUNDO AOS PEDAÇOS**

Como o nosso mundo se tornou o lugar onde vivo hoje? Andei me perguntando isso há exatamente 451 dias. Ainda não achei a resposta, mas descobri uma informação, depois do que perguntei à minha avó, ontem, durante meu interrogatório. Sei que estou no ano trinta e dois mil. Queria muito saber como era, por exemplo, no ano três mil. Dizem que as pessoas respiravam até oxigênio. Tenho 9 anos de idade e, como a expectativa de vida das pessoas e aliens que vivem conosco é de em média 310 anos, ainda tenho tempo suficiente para desvendar esse mistério.

As ruas por onde passo são cinza, por causa da fumaça que existe no ar - por isso, usamos máscaras -, as casas estão quebradas e mofadas, há cheiro de queimado por todo o lado. Enfim, apenas coisas ordinárias do dia a dia. Qual será o motivo, então, de eu me questionar sobre tamanha "normalidade"?

Com essa pergunta na cabeça, decido fazer outras perguntas ao secreto historiador da minha rua. Sempre que mencionava o nome dele, Marc Reigón, meus pais trocavam de assunto. Diziam que suas palavras continham magia negra e que quem as escutasse nunca mais seria o mesmo. Mas, que bom que eu desejava mudar, trocar de vida, ser alguém... Não sei explicar.

Quando cheguei perto de sua casa, senti um frio na barriga, não de medo, mas de ansiedade, de felicidade até. Depois de 451 dias, conseguiria achar uma resposta. Toquei a campainha com o coração na boca. O que eu diria? Será que deveria voltar? Será que ficarei de castigo até os 70 anos de idade? Será que ele estava em casa? Será que Marc abriria a porta?

Do nada, a porta se abriu devagarinho. Se meu coração já estava na boca, agora, eu o estava vomitando. Não acreditava no que meus olhos viam, afinal, era tudo tão diferente, tão aconchegante e até colorido. Sem perceber, eu estava com um sorriso gigantesco, então, discretamente, voltei à minha expressão original. O que estaria causando aquele sentimento tão peculiar em mim?

Atrás da porta, consegui ouvir um som tranquilo que por algum motivo me fez querer mexer meus pés, minhas mãos e até minha cabeça. A casa era muito bem cuidada, algo muito raro até para os aliens que se consideram mais organizados. Nas paredes, podia ver um daqueles quadros que eu já havia visto na casa de um amigo, no entanto, aquela tela não era branca: continha todas as cores que se pode imaginar. Contudo, o que mais me chocou foram as vestimentas de Marc: enquanto eu estava vestindo meu vestido novo de metal, é claro, ele estava vestindo algo que parecia macio, um tipo de tecido talvez.

Em seguida, percebi que estava parada na porta, com Marc me encarando por volta de 2 minutos. Depois de um tempo, ele me convidou para entrar. Eu não sabia o que dizer ou se deveria dizer algo. Ele me perguntou por que eu estava na casa dele. Disse o que pensava sobre tudo, sobre as coisas que eu achava estranhas como se não tivessem sido feitas para serem cinzas. Ele disse que eu estava certa, que houve uma vez em que o céu não era cinza, as casas não tinham aspecto de mal cuidadas, as pessoas tinham personalidade, usavam roupas de tecido, enfim, falou de um tempo em que o mundo parecia ser melhor.

Marc e eu ficamos conversando pelo que pareceram cinco minutos, entretanto, na verdade, haviam se passado cinco horas! Conversamos, principalmente, sobre como poderíamos humanizar o planeta em vez de robotizá-lo. Ele até tinha me dado uma roupa de tecido que eu usaria para ir ao colégio (usaria mesmo?). Faria essa mudança de guarda-roupa com o objetivo de chamar atenção de meus colegas para que se perguntassem sobre o nosso mundo, como eu fazia.

Quando cheguei a minha casa, meus pais ainda estavam trabalhando, apesar de serem onze horas da noite. A única vez em que ficava com meus pais era aos

domingos, em que tínhamos o AC, o Almoço da Comunidade. Nesse dia, todas as famílias se reuniam para se gabarem de como suas famílias eram felizes. Era algo tão normal que, agora, aparentava ser superficial. Logo depois, fui me arrumar para dormir e ter energia no dia seguinte. Vesti meu pijama cinza, coloquei meu material cinza em minha mochila, também era cinza e peguei minhas cobertas acinzentadas para dormir.

No dia seguinte, estava muito animada! Finalmente, descobri que meu sentimento acerca de algo não estar certo estava correto. Estava muito feliz de poder compartilhar tudo que descobri com meus colegas. Queria contar para eles sobre Marc, as pinturas, a música, a dança, as cores, as decorações, a linguagem figurada e a roupa de tecido que estava usando.

Entrei na minha sala e todos me encararam, imediatamente, como se eu estivesse vestindo um vaso sanitário. Letícia, que sentava atrás de mim, me perguntou se o que estava usando era uma veste nova, mais moderna. Respondi a ela que, para nossos contemporâneos, aquilo era algo novo, mas, na verdade, era algo muito velho. Ela não entendeu nada, mas falei para reunir todos da sala que eu explicaria tudo, após a aula.

Depois da aula, quando, normalmente, todos saíam correndo da sala, antes mesmo da professora, meus colegas permaneceram tão estáveis quanto conjunto de estátuas. Contei-lhes que, há mais de um ano, queria saber como chegamos onde estamos. Falei sobre tudo, como, por exemplo, sobre cultura e entretenimento. Não havia nada que eu tivesse deixado de lado. Todos acharam tudo aquilo uma bobagem, principalmente, pelo fato de as informações terem vindo de Marc. Todos riram de mim e eu não sabia o que fazer, a não ser expressar minha dor, algo que ele também havia me ensinado.

Fui para casa correndo e chorando muito, como se a paisagem que antigamente admirava, agora apenas me transmitisse tristeza, como se minha vida se baseasse em infelicidade e solidão. Queria fugir dessa realidade! Quando cheguei, percebi que não suportava a cor cinza. Que não queria mais conviver com ela.

Decidi, então, optar pelo vermelho, uma saída para um mundo colorido, uma saída para vida. Era como se o mundo tivesse girado ao contrário: havia começado no inferno e, agora, nasceria. Logo, peguei o último objeto cinza que tocara, uma faca, e a colorei de vermelho. Fiquei andando pela casa para espalhar meu vermelho, minha ira, minha despedida do inferno, minha forma de colorir o mundo.